



IMAGENS DO TEJO

Exposição de fotografia
de Augusto Cabrita

DE 2 DE JUNHO A 15 DE JULHO



Paulo Silva
Presidente da Câmara
Municipal do Seixal

AUGUSTO CABRITA, POETA DO TEJO

Augusto Cabrita afirmou um dia: «A fotografia é um olhar natural».

E poderia repeti-lo até à exaustão, porque essa sempre foi a verdade do seu trabalho.

Através das suas imagens, fixou e revelou-nos a beleza da paisagem, divulgou recantos do património e evidenciou as características mais subtis das gentes.

Notável poeta da imagem, soube captar como ninguém os matizes e cambiantes de cor e luz dessa paisagem indefinida que o viu nascer e crescer – o Tejo, largo e generoso rio que transporta séculos de história, desde «el corazón de roble de Iberia y de Castilla» até à fértil lezíria ribatejana, alargando-se em seguida numa imensidão de água que anuncia o mar onde, na chamada Outra Banda, se espraia pela terra adentro através de esteiros e sapais, formando uma simbiose extraordinária de terra e de água, de céu e de mar, tão celebrada por pintores, escritores e poetas.

Ficou também presente na memória e coração de muitos.

As suas palavras e atitudes – expressões de afeto, paixão e emoção – foram e continuarão a ser importante referência para todos aqueles que com ele contactaram.

Deixou-nos os seus ensinamentos e a sua obra, que permanecerá para sempre viva nas gavotas e nas belezas do Tejo, que «... leva mais saudades que água».

No ano do centenário do nascimento do mestre Augusto Cabrita, a Câmara Municipal do Seixal exprime a sua gratidão e homenagem a uma das personalidades mais marcantes da cultura contemporânea portuguesa, pelo conjunto de fotografias ofertadas ao município que constituem esta belíssima exposição.

Imagens do Tejo registam o dinamismo e beleza insuperáveis, as múltiplas facetas desse dom inesgotável da natureza que é o grande rio, a gesta dos seus heróis simbolizada nesse golfinho humano que foi Baptista Pereira e as marcas que uma ocupação humana secular inscreveu tão harmoniosamente nas suas margens.

IMAGENS DO TEJO

«Estas fotografias não foram feitas com a intenção de as mostrar numa exposição de arte fotográfica.

(...) Logo, as perspetivas, os enquadramentos, o ritmo, as "atmosferas", o próprio tratamento das imagens são mais de natureza cinematográfica do que fotográfica.

(...) Quanto ao tema – o Tejo – muito ficou por contar sobre esta fonte inesgotável de motivos que é o nosso magnífico estuário.

(...) Para terminar, tenho a dizer que nesta exposição existem dois "leitmotiv": uma "Gaivota" que colhi de surpresa numa manhã de neblina no Seixal... e um "Golfinho" do Tejo – que foi esse homem bom e Grande Campeão chamado Baptista Pereira –, mas que continua vivo aqui, ao pé de nós, graças ao milagre da fotografia.»

Augusto Cabrita



AUGUSTO CABRITA

Nasceu no Barreiro a 16 de março de 1923. Faleceu a 1 de fevereiro de 1993.

Foi fotógrafo de revistas, como *Eva*, *Flama* e *Século Ilustrado*, onde expande o seu interesse pela fotografia, «vício» que lhe vinha de muito novo.

Porém, foram os trabalhos para a TV e para o cinema que deram firme personalidade à sua carreira. À máquina fotográfica, que sempre o acompanhava onde quer que estivesse, juntou-se pois a câmara de filmar.

Fez de tudo um pouco... operador de câmara, diretor de fotografia, realizador e produtor, sem jamais abdicar do que mais gostava de ser - um repórter, um olheiro dos acontecimentos, um historiador da atualidade.

Sobre o quotidiano português, fez mais de três centenas de pequenos filmes para o programa «Vamos Jogar no Totobola», neles fixando a sensibilidade de cronista. São ainda de recordar as muitas reportagens que fez para a RTP no Oriente, nomeadamente em Goa, Damão e Diu, pouco tempo antes da ocupação; o documentário «Lisboa» para a série *As Grandes Cidades do Mundo*, co-realizado com Fernando Lopes; ou, muitos anos antes, dando a «Semana em Óbidos» e a «O Forcado», de Baptista Lopes, um dos mais impressionantes e emocionais jogos de claro-escuro.

Ainda na televisão, foi colaborador permanente em programas como «Horizonte», de B. Rosa, «Curto Circuito» e «No Tempo em Que Você Nasceu», de Artur Agostinho. Mas terá sido «Melomania», com João de Freitas Branco e Filipe de Sousa, o programa de TV que mais gozo lhe deu fazer, pelo encontro que marcou com o mundo dos sons, subjacente em toda a sua obra.

Sem pretender elaborar um extenso e exaustivo inventário da avultada produção e trabalho desenvolvido por Augusto Cabrita, não podemos deixar de referir ou destacar algumas das obras de sua autoria ou que contaram com a sua arte e saber.

Como realizador, foi autor de centenas de curtas-metragens, tais como «Improviso sobre o Algarve» (1960); «Macau» (1961); «Os Caminhos do Sol»

(1966), co-realização com Carlos Vilardebó; «Viana e o Seu Termo» (1969); «Na Corrente» (1970); «A Viagem» (1970); «Hello Jim» (1970); «O Mar Transborda a Cidade» (1977); «Uma História de Comboios - Uma Viagem de Hans Christian Anderson» (1978); «A Nora» (1978) ou «Açores, Ilhas do Atlântico» (1979), co-realização com Fernando Lopes.

Foi diretor de fotografia em «Gerês», de Helder Mendes (1971), e das longas-metragens «Belarmino», de Fernando Lopes (1964) e «Catembe», de Faria de Almeida (1964), e chefe operador de 2.ª equipa em «As Ilhas Encantadas», de Carlos Vilardebó (1964).

Colaborou em diversos trabalhos gráficos, tais como o livro «Portugal», com Sebastião Rodrigues; ilustração fotográfica de toda a obra literária de Carlos Oliveira; «Cozinha Tradicional Portuguesa», com a contribuição fotográfica de Homem Cardoso; «As Mais Belas Vilas e Aldeias de Portugal» e «Os Mais Belos Castelos e Fortalezas de Portugal», com texto de Júlio Gil ou «Viagem a Sul do Tejo», edição da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.

Ao longo da sua vida profissional foi agraciado com diversas e importantes distinções de que se destacam o Grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique (1985), a Medalha de Ouro da Cidade do Barreiro (1986) e a Medalha de Mérito Distrital, Setúbal (1991).

Foi ainda premiado com o Prémio da Crítica (1962); Prémio Nacional de Cinema, pela fotografia do filme «Belarmino», de Fernando Lopes (1964); Troféu Foca de Ouro, do Festival de Televisão, S. Paulo (1968); Prémio Nacional de Cinema Paz dos Reis, realização (1971); Prémio Nacional de Cinema, como diretor de fotografia do filme «Gerês», de Helder Mendes (1971); Troféu Sol de Prata, do Festival Internacional do Filme Turístico (1972); Prémio de Imprensa, pelos seus trabalhos para televisão (1970); Troféu Prestígio «Nova Gente» (1986) e Troféu Verbo (1986).

Este é um curto registo de uma vida cheia, intensa e vibrante. A relembrar.

MESTRE AUGUSTO CABRITA

«De vez em quando pedem-me para falar de Augusto Cabrita. É claro que não enjeito o serviço, mas depois fico por aqui, aflito, até à última hora, do último dia do prazo, a tentar ser digno da sua memória, na esperança sempre frustrada de superar a minha pequenez para poder atingir a sua grandeza.

Hoje, também não é exceção. Olho à volta as mil recordações dele que perduram nesta casa, e a dor violenta de o ter perdido volta com a intensidade de sempre ao meu coração. Se não fosse a esperança de saber merecer a honra da sua amizade, desistia agora mesmo.

Assim, sem recurso e sem talento, sem ofício de escrita que justifique a pretensão para falar de um génio, neste caso do homem que foi conhecido e reconhecido como o maior fotógrafo português, do artista que deslumbrou todos como cineasta, do senhor culto que escreveu admiráveis lições de ternura pelo mundo, resta-me apenas deixar aqui expresso o testemunho da primeira lição e recordação fantástica do dia em que o conheci.

Era um dia de verão, no Alentejo. Calor insuportável. Inauguração típica do regime. Eu, jovem repórter à procura de postura no meio de uma multidão de gente. Num “ponto” sempre diferente de todos os outros, um cameraman empunhava uma Paillard Bollex 16 mm com uma emoção como nunca tinha visto. Contas feitas às minhas referências de novato, cedo concluí que estava perto do homem cuja obra admirava profundamente: o Augusto Cabrita.

Almoçámos juntos, e estabelecemos de imediato uma amizade que não teve fim. Ficámos a conversar o resto do dia e ao fim da tarde, na despedida, perguntei-lhe: Mestre, qual é o segredo? O Augusto deu-me a primeira lição: Primeiro, é preciso saber olhar, depois é preciso uma tensão sobre o acontecimento. A fotografia acontece quando a vida fica suspensa e eterna.

Depois de este mágico dia da minha vida passaram-se muitos anos. O Augusto ficou para sempre a maior referência da minha profissão e o meu melhor amigo.

Ensinou-me a olhar, mas não me ensinou a viver com a saudade e a tristeza que o seu desaparecimento deixou na minha vida.»

António Homem Cardoso



OS DIZERES DO OLHAR

«Augusto Cabrita é uma maneira de olhar. É, também, uma maneira de dizer. Há, pois, uma maneira de olhar e uma maneira de dizer chamadas Augusto Cabrita. É o toque, o tom, o estilo, a dedada pessoal e intransmissível deste artista singular, que “diz” os rostos (por exemplo: os rostos de Belarmino e de Amália Rodrigues, Ary dos Santos, Lopes-Graça, José Gomes Ferreira) como se nos rostos houvesse, invisíveis, todas as vitórias e todas as derrotas de uma vida: a questão é descobri-las. Deste artista singular que “olha” o homem, o rio, o voejar grotesco das gaivotas, as tarefas das mulheres, os hangares, os armazéns, os movimentos inseguros das crianças, os cirros das nuvens, os vapores, como uma teoria de conjuntos.

Nas fotos de Augusto Cabrita, como nos filmes de Augusto Cabrita não há espaços neutros, vazios, inertes. Está lá, sempre e sempre, essa maneira de olhar e de dizer as coisas que recusa o banimento da criatura humana, mesmo quando a criatura humana (aparentemente) não figura na foto ou no filme. Esse cuidado pelo “conjunto”, essa norma de não separar uma coisa da outra, essa maneira de dizer humanidade, homem, humanismo, humano – esse olhar, direi: musical, isso: esse olhar musical que Augusto Cabrita lança, docemente, sobre tudo o que é humano, atribuem à sua arte uma sedução e um fascínio incomuns.

A fotografia, em Augusto Cabrita, não é um objecto sem direcção nem sentido. E a câmara (seja ela fotográfica ou cinematográfica), nas suas mãos, toma partido. Quero dizer: não se limita à fria objectividade da câmara-olho, tão cara a Dziga Vertov; nem à decomposição laboratorial, tão cara a Henri Cartier-Bresson.

Augusto Cabrita, a câmara de Augusto Cabrita parece edificada em húmidas ternuras (Raul Brandão dixit): um olhar, um dizer amor e um dizer olhar como se tudo pudesse caber no instante supremo em que dispara a máquina.

Cabrita não coisifica nem deifica o humano. Cabrita, através da sua arte seca, expungida, magistral (vejam-se as fotografias que ele “olhou” e “disse” para o romance de Carlos Oliveira Uma Abelha na Chuva, Edições D. Quixote), vai-nos sugerindo, através de mil pistas e de mil indícios, que só os bichos e os deuses podem viver sós. O homem, esse, nunca.»

Armando Baptista-Bastos



MESTRE DE FOTÓGRAFOS E NARRADOR DE AMIGOS

«Talvez se possa definir o Augusto Cabrita (no que existe nele de definível) como um ser humano onde se combinam, com uma felicidade extremamente rara, a truculência, a generosidade e a arte do trabalho. Absorve a vida como se lhe fosse pouca – e depois distribui-a, caminheiro, pelas mãos dos outros. Gosta muito de quem gosta (como se tivesse o culto do excesso) e aprende, olhando, em cada novo olhar, repleto e substituído, a qualidade e a largueza de vistas que o levaram, com o tempo a construir o seu opulento (e humilde) universo de imagens eternas. Cheio de prazer de admirar (uma forma de benesse para aqueles que sabem confessar a grandeza possível dos outros), este homem situado de antenas visuais e de coração caleidoscópico, mestre de fotógrafos e narrador de amigos, lida com as dificuldades para se levantar sobre elas – mesmo que seja o arame farpado do grande sofrimento. Num dia em que trocámos citações (como às vezes fazemos), ao ouvi-lo falar, no limiar da sensibilidade, do burlesco geométrico de Chaplin, disse-lhe que ele teve um destino à Le Corbusier: “Estás condenado a ver”.

Acrescento nesta página para que a ideia seja mais esclarecedora: a sentir, a compreender e a revelar.

Dinis Machado



«Conheci o Augusto Cabrita quando da realização de *Belarmino*, de Fernando Lopes. Eu era então um simples operador de câmara. O Cabrita é um daqueles homens que não necessita de qualquer elogio em relação à sua contribuição para a arte cinematográfica. Percebi nessa altura de que o Augusto não se sentia muito à vontade num estúdio cinematográfico. Aquele mundo fechado não era de modo algum o seu.

Mas logo que a sua câmara se soltou para o exterior, ele passou a ser o elemento renovador das forças velhas do nosso cinema, tendo-lhe dado uma outra dimensão.

Cabrita foi então um crítico, um intérprete da realidade aonde surgem os elementos humanos e culturais de um povo criados com a perícia através do olhar da sua objetiva.

Os seus enquadramentos fotográficos eram, e são, impressionantes evocações pictóricas, e não era necessário o seu nome aparecer no genérico para se saber de antemão quem tinha sido o seu autor.

Mais habituado, como ele, a falar através das imagens, deixo um abraço amigo àquele que soube dignificar o nosso novo cinema.»

Manuel Costa e Silva







GALERIA DE EXPOSIÇÕES AUGUSTO CABRITA

Fórum Cultural do Seixal

Quinta dos Franceses 2840-499 Seixal

T. 210 976 105 E. dc.galerias.municipais@cm-seixal.pt

Terça a sexta-feira das 10 às 20,30 horas

Sábado das 14,30 às 20,30 horas

Encerra aos domingos, feriados,

segundas-feiras e mês de agosto